

Patrícia Reis
CONTRACORPO

Romance



A armadura

Há momentos no dia em que não pensa nele. Está escudada por tarefas minúsculas que não são invejáveis. Ocupam espaço. Mantém o cérebro ligado a outra realidade. Pessoas que falam, problemas para resolver, papéis e reuniões. As reuniões não são boas, consegue distrair-se com facilidade e, de repente, há uma SMS que a alerta para a existência dele. Ele, lá fora no mundo. De que tem medo? De o perder. Simplesmente isso, perdê-lo. Levou muito tempo a conseguir verbalizar esta realidade: dói-lhe a falta de paz interior de o ver perdido, alheio a ela. Não lhe custa deixá-lo ir percorrer outros caminhos. Custa-lhe que ele não volte. Precisa tanto que volte como – quer acreditar – ele precisa de se afastar. É um processo.

O corpo dele é magro e longo. Tem umas mãos grandes. De nervoso ataca as peles junto às unhas. Não a encara quando lhe fala. Seja em que circunstância for; o olhar revolta-se com o rosto dela, rejeitando a voz e as intenções. Fixa o chão, a parede ou a janela. Fixa qualquer infinito que a mãe não descodifica, até ao momento em que a irritação vence e ela lhe grita que não há mais nada para dizer. Abandona-se no quarto. Não há amor nas palavras. Todo o corpo reage de forma contrária, como se estivessem em guerra. Ele atravessa as trincheiras, atira-se contra um saco de terra, afunda-se na lama, ouve os tiros ao fundo e pode ainda intuir os estragos que fez. Não existirão membros desfeitos, vidas perdidas, não no sentido literal. Isso não faria sentido. Pedro fica

no quarto imune ao sofrimento dela, numa barreira eficaz contra as palavras, joga no telemóvel um tiroteio qualquer, espreita a Internet e depois, já em sossego, tudo permanece como sempre. Não haverá o mínimo esforço para emendar seja o que for. Deixa-se estar até que as horas dominem os gestos e, então, Pedro cumprirá.

Maria diz que são horas de jantar, e é o início de outra pequena batalha. Ele põe a mesa, o cão fareja os pés na esperança de comer e de ir à rua. Então – pode ser que seja assim –, o telemóvel toca e Maria prepara a massa e o molho com um certo automatismo, ele já sentado sem ligar a nada, esperando, obediente, especado em frente do prato. Quando percebe que o jantar é massa, levanta-se, a cadeira arranhando o chão, porventura magoando o cão deitado aos seus pés, em direcção ao frigorífico. Queijo ralado. Tem uma fixação por queijo ralado. Pode ser na massa, na carne, no que for. Antes de regressar à mesa passa pelo iPod e põe uma música a tocar. Como sempre, o som está demasiado alto. Gesticulando, Maria pede-lhe para baixar o volume – mais um gesto de impaciência – e, sem deixar de falar, continua ao telemóvel. A chamada é o barco de passagem para outro cenário, para não o ver comer, as costas dobradas, a boca a sorver o esparguete, lambuzada de molho de tomate, o excesso de queijo ralado. O telemóvel é a protecção da mulher-mãe.

O escudo para a indiferença, para o silêncio e, mesmo quando responde a quem quer que esteja do outro lado, Maria está sempre a pensar que devia desligar. É a culpa. A conversa ocupa espaço, os segundos a serem marcados no visor do telemóvel, segundos que se tornam minutos, e o nervosismo vai numa escalada. Ela vê: um espigão na rocha que deveria ser o sistema nervoso, depois a corda, o mosquetão, materiais brilhantes que a levarão mais para cima, para cima, para cima. Para não ter de ouvir? Sim. E para não ter de falar. Devia impedir que o silêncio fosse tão forte, tão mais forte que a capacidade de se

sentar com o filho. Mas o silêncio entre eles é poderoso e, por isso, ela fala ao telemóvel. Continua a tagarelar o tempo que lhe é possível, até que, do outro lado, alguém se despede e ela fica sozinha com o filho. Ele, sem a olhar, pergunta

Mãe, não comes?

Já comi.

Nunca comes.

Já comi.

OK.

Tens tudo pronto para amanhã?

Tenho.

Ficam por aqui. Isto passa-se às quintas. Todas as quintas-feiras. Com a precisão de um jogo matemático. Maria pode construir um quadro, segundo a segundo, e preencher cada espaço, um espaço branco para o queijo ralado, um espaço branco para o telemóvel, um espaço branco para o medo que tem, um espaço branco para o medicamento que deveria ter tomado, um espaço branco para as perguntas arrogantes de Pedro, um espaço branco para aquele tom de voz em especial, um espaço para o encolher de ombros. Reduzidos a um quadro, mãe e filho, são um exemplo do ridículo a que o amor pode chegar. A mulher-mãe sabe disso. Estão sempre sozinhos até às nove da noite. Mais coisa, menos coisa. Para Maria cada minuto dura o tempo que consegue contar, na sua cabeça, uma matemática privada, contar até ao número duzentos

e sessenta e cinco e pensar que a campainha da porta irá tocar. Mas não. Continua então: duzentos e sessenta e seis, duzentos e sessenta e sete... São, os dois, um quadro estranho, um espaço em branco. Duas pessoas em treze metros quadrados de uma cozinha sem graça. Mal conseguem respirar. Ele sente a pressão, vê as paredes a fecharem-se sobre si. Ela imagina os tectos a caírem. O silêncio mantém-se. Nenhum dos dois consegue imaginar o que o outro pensa. Talvez se surpreendessem com o que os une. Não há, porém, espaço para surpresas e ambos sabem, têm a certeza, de que não é uma boa altura para conversas. De momento, aliás, nunca é boa altura para conversas. Parece que nada é suficiente. Apesar disso, Maria faz a pergunta, como num castigo, a cumprir o papel de mãe

Foi boa a aula?

O costume.

O costume? Não foi bom? Tu gostas tanto de natação...

Ó mãe, ando a fazer isto desde os quatro anos. Não é nem bom, nem mau. Tenho de ir, não é? Não me vais deixar desistir, pois não?

Queres desistir?

Posso?

Não.

Vou tomar duche.

Maria retira o prato da mesa, lava o tacho, o escorredor da massa. O filho desaparece, como se nunca estivesse estado, uma presença fantasmagórica, uma sensação estranha que já passou, os minutos mais longos do dia. Se as circunstâncias fossem outras. A mulher-mãe pensa nisso. A conversa não aconteceu, as palavras trocadas ainda não se esqueceram. Maria podia fazer outro quadro com as palavras trocadas, aquelas que ferem mesmo que estejam vestidas de uma banalidade vazia. Na cozinha permanece o cheiro do molho de tomate. E do queijo. São os restos, pensa Maria. Antes de conseguir arrumar tudo, a campainha toca. Finalmente.

Simão. O filho mais novo a chegar de casa dos avós. É que a quinta-feira é, de forma oficial, o dia dos mimos. A avó deve ter feito massa para biscoitos de manteiga e, os dois, num tempo só deles, terão rido e construído biscoitos com formas estranhas.

O filho traz uma caixa de plástico recheada com a sua aventura culinária. Simão é um miúdo fácil. Ou talvez seja fácil por enquanto. Mais fácil que Pedro, entenda-se. O futuro nunca é como se imagina. Tocam à porta mais uma vez. Ela limpa as mãos a um pano que abandona em cima da bancada.

Abraça o filho. Abraça-o demasiado tempo. Cumprimenta o irmão, Miguel, com um beijo, espreitando o eterno fato de treino, a farda do professor de ginástica.

Olá, mano.

Estás com ar cansado.

Eu sou o cansaço. Não sabias?

Precisas de alguma coisa?

Não, obrigada, Miguel. E obrigada por teres trazido o Simão.

Assim a mãe não teve de sair de casa.

Pois. Obrigada.

E o Pedro?

Está lá dentro.

Vou lá...

Deixa. Está em dia não.

Em resumo: isto são as noites de quinta-feira. Podiam ser piores. Pedro mantém a porta do quarto fechada. Maria está exausta. Não o dirá, sente-o em cada centímetro do corpo, quando despe a roupa, quando lava os dentes, quando coloca o creme hidratante, quando escova o cabelo. O cansaço é tão visível no seu corpo que é como se fosse uma segunda pele, uma armadura pesada, e ela sabe disso. O facto de saber, ou sentir, é-lhe suficiente. É uma diminuição que a humilha mesmo que não consiga explicar porquê. Nem tudo tem de ser explicado, já sabe. O irmão, Miguel, pode detectar alguns pequenos sinais, não tem noção do peso que ela carrega e tão-pouco consegue imaginação para o antecipar. Mas vê coisas que os outros não conseguem ver. Talvez por ser capaz de a olhar fixamente. Sem se mexer. Miguel é das poucas pessoas que se concentra no outro, seja quem for, e não se distrai com nada. Por isto, e por ser o seu irmão, sabe que Maria é uma actriz razoável. Consegue perceber que um abraço a iria desfazer. Deixa-se estar. Quando se despede tenta, ainda, começar uma conversa. A ver se ela quer dizer alguma coisa. Cheio

de boas intenções. Um homem simples, considera ela, classificando o irmão. E, assim, sorri e Miguel percebe que está na hora de sair. As conversas com a irmã são como ponteiros de relógios. Ou são pontuais ou estão atrasadas. Ele sabe disso e não a quer maçar. Deixa os lábios colados ao rosto de Maria mais uns segundos. Um beijo com tanto lá dentro. Ela sente-o na sua imensidão. Deve entender, convence-se Miguel enquanto fecha a porta da rua e desaparece.

Para Maria, os rituais terão de se cumprir: vestir o pijama ao Simão, ajudá-lo a lavar os dentes, as mãos, ler-lhe um pouco de uma história lida tantas outras vezes e, quando ele adormecer, há ainda uma máquina de roupa para fazer, tudo lavado a frio para evitar acidentes. A porta do quarto de Pedro permanece fechada. Maria imagina: a porta podia não existir, ser apenas um prolongamento da parede e, assim, aquele filho seria eliminado. Recrimina-se por considerações desta dimensão? Nem sempre. Nas noites de cansaço, a cabeça não lhe deixa espaço para censuras ou gestos politicamente correctos. Nunca gostou da expressão – politicamente correcto. Recorda-se de lhe dizerem na escola que a sua desobediência era intolerável. Maria quer ser, agora, agora mesmo, desobediente. Escapar a todas as amarras, escapar, sem magia, consciente de que desiste de algo em prol de um *eu* esquecido. Mas o seu *eu* desobediente foi apagado depressa. Incorporou as regras, o timbre certo, não teve desvios ou acidentes de juventude. A sua história é linear. Talvez seja uma mulher simples, sem nada de especial, uma mulher a mais, desempenhando o papel que lhe deram e não o que escolheu. A tal mulher-mãe. Se tivesse de escolher não saberia o quê. Afasta o pensamento. Escolher não é um dos seus verbos predilectos.

Deixa a cozinha com a banda sonora da máquina que gira, gira num mundo de espuma. Faz uma festa ao cão, deseja-lhe boa noite e tem a certeza de que ele, o cão, com uma lambidela na

mão, lhe deseja o mesmo. Chega à sua casa de banho e, lentamente, despe-se em frente ao espelho. Numa prova que tenta superar. Precisa de se enfrentar e, por isso, mais este gesto de penitência, mais uma violência autopromovida: ver-se ao espelho. O seu corpo. O seu corpo vazio. Há qualquer coisa na sua pele que não reconhece. Talvez seja secura. Ou a armadura. Talvez seja o tempo. Ou o medo. Dizem que o medo fica no corpo, que os cães o cheiram, que alastra. Maria nunca foi de medos. Se pensar nisso. Ajusta-se a tudo, é adaptável e, só isso, essa capacidade de ser um camaleão, fundir-se com o papel de parede, um talento animal, é uma segurança. Uma segurança que construiu.

Na cama, tenta concentrar-se num livro. E é tudo o que faz até às onze e meia da noite. Levanta-se para espreitar o filho mais novo. Simão acabou por adormecer agarrado a um boneco que não se consegue identificar, chama-se amigo, simplesmente. Pedro mantém-se deitado a ler, a jogar na consola, a desenhar. Que sabe ela? Decide desligar o candeeiro e evadir-se no escuro. Já não diz ao filho mais velho para ir para a cama, para cumprir as horas de sono que dizem ser necessárias aos adolescentes. Já não lhe diz nada. Antes assim. Quando o mandava para a cama, a resposta de Pedro era

Já vou.

Uma hora depois, Maria a roer as peles das unhas, a querer ler sem conseguir, a querer adormecer, voltava a sair da cama e, de novo, perto da ombreira da porta do quarto do filho

Pedro, é tarde, vai-te deitar. Já to tinha pedido.

Já sei.

Ele sabe coisas, portanto. Ela, admite, pouco sabe. Cada vez menos. Apesar dessa ignorância inerente a quem desistiu de qualquer coisa dentro de uma vida, Maria percebe que desistiram da relação. Há uns meses. Não foi uma decisão formal. Maria ainda considerou que o melhor seria terem uma conversa, uma ponte que permitisse levar algo de um lado ao outro, mesmo que fosse uma ponte rudimentar, frágil, a desfazer-se. Não teve coragem. Nunca teve jeito para começar diálogos de meias palavras. Como é que se começam? Ela sabe como terminam: acusações. E está cansada também disso, encolhe-se e prefere ficar a boiar numa ilusão de vida. Inspira. Expira. Não diz nada. Vivem assim. Em mundos separados. Estão em frentes distintas. Apesar do medo que existe, nada ultrapassa o facto de terem posto a comunicação num modo silencioso, como se faz aos telemóveis, às televisões, aos computadores. Já não são um do outro. Suportam-se. Como tantos outros casais. Seria de esperar que fosse de outra forma, tratando-se de mãe e filho. Mas não é assim. Maria não o compreende e Pedro não quer ser compreendido. Há uma sensação de injustiça e de frustração? Interroga-se com legitimidade de mãe. Sim, as mães têm certos direitos, legitimidade para fazer perguntas e para coleccionar preocupações. Não sabe responder a nada que lhe ocorra. A injustiça é outra coisa, parece-lhe.

O coração de Maria partiu-se quando, há uns meses, Pedro afirmou, sem qualquer alarido na voz, nem zanga, nem revolta

Tu não me entendes. Nunca me entendeste.

Podia obrigá-lo ao exercício idiota da retrospectiva, mas isso é uma coisa de adultos e os adultos nem sempre têm razão. Maria não consegue enumerar o que está certo e o que está errado. Tão-pouco previu que a vida culminasse neste empate. O mais novo

ainda não sabe: daqui a pouco a linha da frente também estará no seu campo, fará parte da sua vida, será o seu território e Simão também passará a ser, então, um outro inimigo. Até lá, esta mulher-mãe tenta respirar. Repete: falar com um adolescente é o mesmo que dar banho a um peixe. Depois recua e acredita que é possível. Nestas ocasiões, a que se habituou a classificar como recaídas, procura refazer um cenário que se possa classificar de outra forma, mais próximo de uma ideia de harmonia. Não é um exercício simples. É como uma encenação. Vejamos.

As manhãs não são o melhor pretexto, são uma possibilidade e Maria agarra-as, procura encontrar um espaço onde possa dizer ou fazer alguma coisa. É o princípio do dia. A mudança pode ter ocorrido durante a noite? Existirá alguém que espreita para dentro das pessoas e lhes tira as nuvens mais carregadas? Duvida. Apesar disso, pergunta, numa tentativa descontraída, pergunta coisas pequenas, procura uma certa alegria que sabe – porque Pedro também sabe – ser falsa. Forçada. Fabricada. Sinónimos, se for coerente, se for razoável. Sabe que não resulta. Nada do que possa dizer pode ser entendido como alegria. As manhãs são duras, afinal. Os corpos. Talvez sejam os corpos, moídos do sonho, desligados ainda. Os cereais caem das tigelas e espalham-se pelo chão. O cão rejubila. O miúdo mais novo, numa outra realidade, alinha no jogo da mãe e até se ri de uma graça qualquer, um sorriso com um som pequeno. Pode ser um riso? Sim, Maria decide que sim. É um riso.

Quando chegam à entrada do colégio as portas do carro abrem e fecham em unísono com um *até já*. Pedro leva Simão pela mão. Na verdade, arrasta o irmão. É desnecessário e Maria já lho disse várias vezes. Não faz qualquer diferença: Simão é um peixe preso numa rede que é o corpo maior do irmão. O *até já*, sem beijos, sem nada, é um embaraço a que ela, a mãe, sobrevive enquanto enfrenta o trânsito. Primeiro há a sensação de se ter

afogado, depois recupera, regressa à linha de água, volta à superfície. No semáforo coloca rapidamente o rímel e o batom. Está pronta para outra guerra. Ninguém a avisou que seria assim.

Liga à mãe para despir a pele materna, voltar a ser outra, filha de. O telemóvel não está disponível. Estaciona o carro onde pode. Coloca vários cartões de estacionamento: um de duas horas, mais um de duas. Para evitar que o carro seja bloqueado. Já desistiu das moedas, prefere estes papéis que funcionam como raspadinhas e que lhe garantem horas, horas de estacionamento. Podia ir de metropolitano, é verdade, mas é preciso levá-los à escola. Uma tarefa que não era sua. À hora de almoço voltará a repor novos cartões que aguentam as horas de trabalho, cartões que provam que é uma boa cidadã. Os parquímetros da cidade beneficiam da sua miséria.

No escritório há sempre quem pergunte por eles, os seus filhos. Maria responde. Sorridente. Ganharia diversos prémios. Ou pelo menos estes, se estes existissem: «prémio para a maior falsidade que andou pela terra»; «prémio para a mãe que perdeu o pé»; «prémio para o desastre que aconteceu e não veio nos jornais»... Se os prémios existissem. Maria sente-se esse tipo de *bluff*, um jogador desesperado, a suar, a tentar não ser descoberto. Não, não um jogo de cartas, a imagem, mesmo que boa, não a favorece. Para ser um jogador é preciso alguma intuição, sentido de probabilidades, lógica, inteligência, calma. Ela é outra coisa. A ideia de desastre, por outro lado, agrada-lhe. É coincidente com os pensamentos negativos e, ao mesmo tempo, permite-lhe uma desculpa, um argumento. Um desastre pode acontecer a qualquer um, provocado por terceiros, a culpabilidade pode ser...

Há meses que anda nisto. Ser mãe é um trabalho estranho, para não dizer mais, para não dizer frases feitas. Não tem nada contra as frases feitas. Dão jeito. Amo-te também é uma banalidade. Ou: agora não. Ou: então vá, depois falamos. Ou: não me entendes.

Tudo banalidades. Alguém põe uma música a tocar no computador e Maria percebe que as lágrimas surgem, estranhas, com uma rapidez que a surpreende. *If I'm betting against you I think I'd rather lose*. Se o coração fosse usado apenas na medida exacta do que é necessário, seria o sofrimento menor? Nunca saberá. Embrulha-se nas coisas do dia até ao primeiro telefonema ou SMS. A coisa está perto de rebentar.

É como aqueles cientistas que sabem ter descoberto algo de grande e significativo e que, de forma algo inesperada, vêem o conhecimento deixar de ser sigiloso, perder a sua relevância. O conhecimento massificado não é um tesouro. Neste caso, nem é uma descoberta, apenas a constatação de Maria: a constatação de que falhou. Falharam os dois. Ele e ela. Um filho e uma mãe. Corações alheados um do outro. Porque já não falam. Porque ele já não é o menino que a acorda com pesadelos, que mostra as cicatrizes dos joelhos depois de um dia de escola, que atira a cabeça para trás para que a mãe a possa lavar com champô com cheiro a morango. Pedro é outra pessoa. Que de momento Maria desconhece.

Ele também não sabe quem eu sou, pensa ela.

